

CANTON, Kátia. **Minimagnário de Andersen**. Apresentação e adaptação de Kátia Canton; Ilustrações de Salmo Dansa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014, 187 p.

**Diego Gomes do Valle**  
(UEPG)<sup>1</sup>

Harold Bloom, em um polêmico e arquiconhecido artigo criticando Harry Potter<sup>2</sup>, manifesta-se desfavorável a cingir o fenômeno literário de acordo com as idades dos sujeitos, pois tal separação gerará a literatura infanto-juvenil (na qual supostamente faria parte a série do pequeno Bruxo). A saída, segundo o crítico norte-americano, está na boa literatura, que será mais ou menos assimilada de acordo com a aptidão do leitor, não importando a idade dele.<sup>3</sup> Hamlet pode não ser muito compreendido por um adolescente de quinze anos (conclua o leitor se um leitor de trinta está em condições muito distintas), mas algo desta trágica peça seguirá latente naquele

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP e Professor Colaborador da UEPG.

jovem, à espera de uma experiência vivida que confirme aquela verdade, da qual quem sabe ele nem se recorde que leu há tempos. Afinal, como diz Vincent Jouve: “A vantagem é que a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não pode ter: ela é ‘sentida’ antes de ser entendida, portanto, sem ser compreendida” (JOUVE, 2012, p.136).

Neste sentido, o livro *Minimaginário de Andersen* (2014) se encaixa nos dois parâmetros que temos: é de Literatura infanto-juvenil, como consta da ficha catalográfica, e é, inegavelmente, boa literatura. Os sete contos ali presentes cumprem a função fulcral da literatura nas primeiras fases da vida humana: diz de maneira simples o que de mais importante precisa-se saber naquele momento, além de construir um imaginário riquíssimo. Não é preciso, neste momento, dizer *como* as coisas funcionam (até porque poucos adultos se saem bem nesta empreitada), nem tampouco mostrar a realidade certa, verossímil ou provável: basta que ela seja *possível*, como já havia nos ensinado certo Estagirita. Um soldadinho de chumbo *pode*, sim, ter algo a nos ensinar sobre nós mesmos; um rouxinol *pode* ser o mais sábio e nobre ser de um império; uma pequena vendedora de fósforos *pode* (e talvez estejamos no nível de probabilidade maior aqui) estar morrendo de frio em algum lugar que desconhecemos. Recriar estes mundos é, de maneira sub-reptícia, adquirir experiências humanas, é humanizar-se, como diria Antonio Candido:

Há conflito entre a idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 1995, p.176).

O dinamarquês Hans Christian Andersen é indubitavelmente um dos maiores escritores de literatura infantil que o Ocidente nos

legou, por mais que pareça a alguns demasiado triste para crianças (o soldadinho de chumbo e a vendedora de fósforos que morrem, por exemplo). Kátia Canton, professora e com currículo vasto na área em que Andersen ficou notabilizado, soube adaptar competentemente estes contos clássicos que, de tão embrenhados em nossa cultura, parecem que não tem autor, que são de todos. As ilustrações de Salmo Dansa captam a simplicidade comovente e delicada que merecem cada cena, resultando em uma complementação que não ofusca o texto nem meramente se subordina ao que se narra.

Cumprasse assinalar o único senão desta obra, que pode facilmente ser resolvido em uma segunda edição: consiste na inconsistente revisão, que permitiu falhas inadmissíveis para uma editora, um autor e uma edição de qualidades inegáveis. Enumero algumas das falhas à guisa de exemplo: "Á noite" (p.25), "De rependte" (p.31), "Passes-me seu passaporte!" (p.31) etc. Obviamente, nada que abale o valor e a beleza do *Minimaginário*.

Mario Vargas Llosa, em um ensaio introdutório a *Don Quijote*, resume a atmosfera quixotesca assim: "*Don Quijote de la Mancha* es una novela sobre la ficción en la que la vida imaginaria está por todas partes, en las peripecias, en las bocas y hasta en el aire que respiran los personajes" (LLOSA, 2005, p.XVIII). *Mutatis mutandis*, aplica-se a mesma definição ao mundo de Andersen recontado por Kátia Canton; e sai-se dele sempre mais humano, mais nós mesmos dele.

## Referências

BLOOM, Harold. **Can 35 million bookbuyers be wrong? Yes.** (Publicado originalmente no *Wall Street Journal*, 2000). Disponível em: <http://web.ics.purdue.edu/~rebeccal/comp/108f10/Assignments/BloomArticle.pdf.pdf> Acesso em 22 Jun. 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANTON, Kátia. **Minimaginário de Andersen**. Apresentação e adaptação de Kátia Canton; Ilustrações de Salmo Dansa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. “Una novela para el siglo XXI”. In: CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. (Edición del IV Centenario). Madrid: Real Academia Española, 2005.

## Notas

<sup>2</sup>*Can 35 millionbookbuyers be wrong? Yes*. Disponível em: <<http://web.ics.purdue.edu/~rebeccal/comp/108f10/Assignments/BloomArticle.pdf.pdf>>

<sup>3</sup> Para um histórico da divergência crítica a respeito deste assunto: Cf. COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*, 2003. Cap.3 “Os debates teóricos até os anos oitenta”, pp.43-75.